





A Secretaria Municipal de Cultura e Turismo do Município
de Campo Grande, Mato Grosso do Sul apresenta

O CORAÇÃO NO COURO DO TAMBOR

Adrianna Alberti



ADRIANNA ALBERTI

O CORAÇÃO NO COURO DO TAMBOR

SECTUR



MINISTÉRIO DA
CULTURA



COPYRIGHT © 2024 POR ADRIANNA ALBERTI

Este projeto foi contemplado pela Lei Paulo Gustavo, pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo do Município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

EQUIPE REALIZADORA

TEXTO: ADRIANNA ALBERTI

ARTE DA CAPA FÁBIO QUILL

ILUSTRAÇÃO INTERNA CAROLINA MANCINI

TEXTO DE APRESENTAÇÃO ADRIANNA ALBERTI

PREFÁCIO SARAH MURICY

REVISÃO E PREPARAÇÃO DE TEXTO LUCAS MARCHETTI

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO RAFAEL SALES

EDITORA CALIGO ASSESSORIA DE PUBLICAÇÃO

AUDIOBOOK: GRAVADORA LINHA DOS VERSOS HOME STUDIO
PRODUÇÃO

NARRAÇÃO DO AUDIOBOOK: EVA VILMA

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Alberti, Adriana

O coração no couro do tambor / Adriana Alberti ;
ilustração Carolina Mancini -- 1. ed. -- Campo Grande, MS :
Caligo Assessoria de Publicação, 2024.

ISBN: 978-65-990490-8-8

1. Canbomblé (Culto) 2. Ficção brasileira
3. Religiões de origem africana 4. Orixás
I. Mancini, Carolina. II. Título

24-206631

CDD-B869.3

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
ALINE GRAZIELE BENITEZ- BIBLIOTECÁRIA - CRB - 1/3129

1. FICÇÃO : LITERATURA BRASILEIRA B869.3

1ª EDIÇÃO
2024

*Às minhas mães
Aos meus pais
Às minhas irmãs
e aos meus irmãos*



saluba nana

The background of the page is a complex, monochromatic abstract pattern. It consists of various geometric shapes, including circles, squares, and lines, arranged in a way that creates a sense of depth and movement. The pattern is rendered in shades of gray, with some elements appearing more prominent than others. The overall effect is that of a dense, textured surface.

APRESENTAÇÃO



Neste pequeno pedaço meu, em suas mãos, estão textos que fui escrevendo especialmente para este projeto literário de memórias, visões, respeito e amor pela minha religião, o Candomblé. *O Coração no Couro do Tambor* traz muito das memórias e das histórias que ouvi, fala sobre meus sentimentos e relacionamentos com os orixás, seus ensinamentos e seus preceitos e também sobre seus filhos.

Foi com o Candomblé, com os orixás — e na primeira casa, cultivando elementos da Umbanda — com os guias, com os exus, com as pombo-giras, com os caboclos, com os erês, com os boiadeiros e, também com os filhos de santo, e as duas famílias sagradas que fiz e faço parte, que aprendi sobre perseverança, humildade, respeito, dignidade, espiritualidade e também, porque é tão intrínseco quanto essência, sobre ancestralidade.

E como uma lição árdua a ser aprendida, onde há vida, há morte. Durante a escrita desse projeto, que começou com uma compilação tímida e se tornou esse livro, minha primeira mãe de santo faleceu. Embora ela tenha lido, não menos de um mês antes, o texto que eu havia escrito especialmente para ela. Lembrando-me que, por mais que minha casa fosse outra, foi com ela que dei os primeiros passos.

E antes que eu pudesse publicar e orgulhosamente mostrar à minha mãe de santo os textos que falavam sobre sua casa, sobre o tanto que vivi e aprendi com ela e por causa dela, ela também se foi. Em uma segunda-feira, tão imprevisível. Tornando-se ela também uma entre nossos ancestrais. Mas aqui, como forma de homenagear, e como forma de deixar marcado para sempre sua presença, eu peço a benção à minha mãe Carmem, para sempre zeladora do meu orixá.

A benção às minhas mães e aos meus pais, a benção aos meus irmãos mais velhos e mais novos. Peço a benção para falar sobre o que eu já vivi, mas também agradeço por tudo o que vivi e que ainda poderei viver.

Adrianna Alberti





PREFÁCIO



Dentre suas paixões, Adrianna tem o fantástico e o poético. Eu a conheci pelas idas e vindas da escrita, caminho no qual ainda sou bem juvenil. Ela, assim como Nanã, tem a sabedoria serena de quem já muito percorreu.

Quando recebi esta obra, fruto de uma promessa já me feita por Adriana, eu tornei não acreditar que ela queria palavras minhas. Por isso, eu prometo, a quem interessar possa, fazer o meu melhor.

O *Coração no Couro do Tambor* tem um dos jeitos mais brilhantes de fantasia: o EscreViver. E aqui não me confunda fantasia com irreal, pois cada linha expressa uma verdade que o discurso ainda não conseguiu descrever.

A cada narrativa, que não começa nem termina em si, vê-se a infinitude do axé. O axé, esse estado de espírito que eu sinto ter sido absurdamente bem enaltecido por Alberti quando diz:

“É no toque do atabaque que a ansiedade ameniza, a mente confusa parece entrar nos eixos e o coração encontra o caminho para a casa.”

O chamado para o santo tem um quê da ancestralidade, de um lugar que muitos ainda não sabem nomear.

Talvez por isso este livro seja tão especial. Adrianna localiza seu chamado, identifica-o, chama-o, poetiza-o e romantiza-o com um realismo que apenas suas vivências poderiam proporcionar.

É possível sentir no *escreViver* de Adrianna um tanto dos elementos visivelmente invisíveis das casas de axé. A honra aos pais, que vai além do que as matrizes tradicionais estatuem — quando se é de axé, seus pais de santo não padecem da perfeição distante, eles são pessoas reais, próximas. São referências porque respeitamos sua humanidade frente a divindade e não o contrário.

O curvar-se e o levantar-se, na dança dos pés descalços própria dos que batem sua cabeça para que o trabalho aconteça, demonstram a ciência do lugar de si, o respeito diante da hierarquia e o prazer em servir.

Na deliciosa confusão entre carnal e espiritual, biográfico ou ouvido, Adrianna nos banha com seu axé.

E, para não perder o costume, a você, eu peço a benção.

Sarah Muricy



ÍNDICE

A filha da Lama	20
Sob o rastro do arco-íris	21
Nanã	23
Erê	24
À imagem dela	26
O senhor	29
O dono da capa vermelha	31
O tambor	33
O quarto	34
Idas	37
Vozes antigas	38
O filho de Ogum	41
O sal do mar	42
O machado em descanso	45
Corajosos, nem de nome	46
O descendente de Ossain	49
Sobre Reis e Rainhas	51
Vermelhos e azuis	53
Meia-noite	54
Sinais	57

in memoriam59

Famílias Nunca Dizem Adeus61

A mãe do santo62

O avô de Tica64

A Matriarca em Vermelho67

A filha dos raios69

Quem reluz na ponta da flecha71



dois dedos de prosa73

Sobre identidade e silêncio.....75

Sobre o luto.....79



Sobre a autora83

Equipe de realização87

A filha da Lama

Os pés afundam a massa mole,
corpo, alma e fios grisalhos ainda gotejam
a chuva fina no chão.

O caminho feito ciclos.

Grudadas em sua saia branca-lilás
Mãos gordinhas afeitas.

O riso íntimo é baixo aos alheios.
O xaôro chacoalha no mover dos passos.

Na velha, as rugas enfeitam como rios.
Sua pequena adotada
chupando um torrão de cocada branca
e na outra mão
uma boneca adornada de palha e penas.

O caminho é acidentado,
feito de entranhas e lama.

Nanã passeia com seu erê
em busca de uma filha perdida.





Sob o rastro do arco-íris

Na vereda dos absortos,
O arroubo se deu fortuito.

Em princípio, deslumbramento,
Em depois, acolho.

Foram mirados inesperados,
De quando em quando,
Em despropósito.

Desconhecida é a razão do tratado,
De onde, quando e como.

Asseguro seus sinais de presságio
Sob as sete cores do seu rastro,

E a miríade de seus vestígios
Confirma o caminho dos meus passos.



Nanã



Veio caminhando lentamente pela estrada de chão seco e rachado, gingava o corpo magro de ancas largas, a longa saia branca levantando a poeira no andar dos pés envelhecidos. O turbante roxo escondia os cabelos brancos; estava envolta em panos de tecidos crus, as rugas marcadas de quem sorriu na mesma medida do tanto que chorou por mais de uma vida.

No meio da estrada, meio escondida pela grama alta e sentada em umas pedras quentes, a garotinha aguardava, abandonada. Sua pele estava suja pelas lágrimas já esquecidas, as roupas corroídas pelo tempo. Observava a velha como quem não sabe se teme, se foge, se encolhe ou se pede um abraço.

A senhora esticou os dedos finos, oferecendo alma. Agarraram-se como família, fazendo moradia na paliçada escondida na mata, aquela logo depois do rio, onde a lama encontra os pés e os erês brincam vadios.

Erê



Ela era pequeninha, menos de cinco anos, vinha quietinha e marota, tímida e quase em silêncio, pois não fazia questão de aparecer. Enrolava-se no pano de cabeça, fazendo do turbante um véu que descia pelas costas, escondendo todo o cabelo.

— É assim que as mulheres de onde eu vim usavam — ela dizia tímida, quando pediam para amarrar direito o tecido.

Sorridente, ela permanecia sentadinha em seu canto, observando toda a gritaria e movimento; quando muito, pedia sua água cheia de bolhas, enfiando o dedo gorduroso de cocada mole para fazê-las subir. Vez ou outra, limpava as mãozinhas no cabelo comprido, o seu próprio ou o de quem ousasse sorrir em sua direção.

— É porque faz bem para os cabelos — ela justificava toda faceira.

— Não pode fazer isso! — ensinavam, sem bronca, e ela aprendia.

Metida no quarto, passando o tempo, deitada de barriga para baixo, esticadinha e bem-comportada, ela retirou os fios soltos da palha da esteira. Mexeu, dobrou, moldou e amarrou com alguns fios de linha perdidos por ali, fazendo um cavalo de crina espichada e uma mulher adornada com pequenas penas douradas e brancas; no peito a palha trançada em xis.

— Sinto falta de andar no cavalo — ela suspirou resignada.

Às vezes, lambia a palma das mãos e as metia em sua cocada, deixando-as toda lambrecada de doce, só para ir à perna da velha fazer suas massagens. O lábio preso no dente, concentradíssima em seu trabalho, apertava e apertava, puxando e repuxado, fazendo a dor ir sumindo como mágica.

— Onde aprendeu isso? — perguntava a velha todas as vezes.

— Eu aprendi com minha família — ela respondia paciente, ainda concentrada —, lá com meu avô, ele que cuidava das pessoas, eu só imito.

Era uma menina de vontades simples: queria uma gata toda branca, sem nenhuma mancha no pelo, só para chamar de Garoa; também um cavalinho de brinquedo da cor do caramelo, uma bonequinha com a pele no mesmo tom, um vestido lilás bordado de fios de prata e um pano branco para esconder os cabelos.

A Imagem Dela



Os risos vinham naturalmente, os braços enrolados um no outro, enquanto eles caminhavam pela universidade, milagrosamente vazia, em uma noite repleta de nuvens escuras que escondiam as estrelas e a lua. Já estavam lá há mais de dez horas, mas ainda não queriam voltar para suas casas. Entre outras histórias e fofocas, a escolha pelo bar do outro lado da avenida foi o local mais propício. Ela foi enrolada em seu moletom vermelho, capuz jogado para trás e as mãos enfiadas nos bolsos; ele parecia confortável em seu grande casaco de lã azul marinho, bochechas rosadas e cabelos ao vento.

Aquele bar, bem de esquina, era sempre cheio, mas naquela noite de quarta-feira fria, só tinha meia dúzia de gatos pingados, uns velhos barrigudos e alcoolizados, além dos dois, o dono do bar e um garçom cansado. O ambiente era quase boêmio em sua simplicidade, com as paredes pintadas metade de vermelho e metade de amarelo, já meio desbotadas pela ação do tempo, a mesa de plástico toda arranhada, mal dava para identificar a marca da cerveja que a estampava, as duas mesas de sinuca, que além de não utilizadas, tinham o veludo e a madeira marcados de giz e cheios de entalhes, os banheiros à direita estavam milagrosamente limpos, ainda utilizáveis. Era o tipo de bar que não tem paredes ao redor, e as pessoas ficam mais nas calçadas. O vento frio e o clima úmido os faziam questionar a razão de

terem em suas mãos os copos de vidro embaçado com cerveja gelada, mas havia risos, discussões e companhia. Era suficiente.

O bêbado veio em sua direção, sorrindo tímido, pedindo licença, puxando uma cadeira de outra mesa e sentando-se na frente dela, com medo de estar interrompendo algo, e mesmo em toda a sua mansidão, ainda a fez arregalar os olhos e se assustar pela aproximação.

— Você parece uma daquelas deusas antigas, sabe? — Ele disse em sua voz meio mole.

— Oi? — Ela questionou, atônita e sem certeza se havia ouvido corretamente.

Seu amigo, do outro lado, apoiado mais na parede suja do que na cadeira, riu um pouco alto e sem vergonha, escondendo os dentes de um sorriso divertido atrás de um gole longo, olhando-a de maneira engraçada.

— Desculpa falar isso assim — o bêbado continuou a falar, ignorando o resto ao redor. — Você parece uma deusa antiga da primavera, aquelas que as pessoas adoravam sabe? Deve ser seu cabelo todo vermelho.

— Obrigada? — Ela respondeu em dúvida, enfiando uma mecha de fios castanhos escuros atrás da orelha.

— Você é mesmo um daquelas deusas antigas, né? Eu poderia adorar você? — O bêbado falou ainda mais tímido, mas os olhos pareciam vidrados.

— Que? Não, não faça isso. — A mão continuou segurando firmemente o copo, tentando se firmar, com olhos arregalados ela virou para o amigo, sussurrando um pedido de ajuda qualquer.

— Você não precisa da minha ajuda, ele está só te elogiando — seu amigo falou, sem se importar de ser ouvido pelo bêbado.

— Você parece muito uma daquelas deusas, sim, toda flores e luz.

Fosse o que fosse, o bêbado se levantou após mais um pedido de autorização para adoração e depois, um outro, de desculpa. Saiu resmungando para o copo já quase vazio de um líquido

transparente, que definitivamente continha alto teor alcoólico. Deixando para trás uma mulher de boca aberta e um homem gargalhando piadas.

— Você ri, mas não é engraçado — ela fala, olhando suavemente, porque afinal, não havia corrido nenhum perigo. — Não fui eu quem ele viu.

— Ah! Por favor, como é que ele poderia ter visto outra coisa?

— Foi ela que ele viu, não eu — ela diz simplesmente, sem explicação.

Observando sua amiga ir embora, descendo o pequeno espaço gramado para pegar o último ônibus da noite, ele jurou que ali, ao lado dela, havia uma mulher de vestido prateado, cabelos longos meio avermelhados ao vento, fios rebeldes e soltos, enquanto uma gargalhada fina e poderosa ecoava na rua vazia.

O Senhor



Havia lendas horríveis sobre ele. Diziam ter pés tortos e sempre sujos de lama e lodo, roupas puídas e úmidas, costas curvadas como as de um velhote — como se carregasse o peso do mundo nas costas e, por vezes, acho até que carregava mesmo. Contavam que ele era uma criatura a ser evitada, porque era um feiticeiro, ou um alquimista, ou um padre, ou um bispo, ou um bruxo ou um mago — tantos eram os caminhos que lhe atribuíram ao longo dos tempos que ninguém sabe mesmo de onde ele havia surgido.

Eu nunca digo que o escolhi; ao contrário, falo nostálgica que foi ele quem me escolheu, acho até que antes de eu nascer. Mas quando ele apareceu pela primeira vez, eu ainda era garota, uns 13 anos se muito. Vinha sempre só sua voz, uma gargalhada passageira ao final dos eventos, o som vinha rasteiro na altura dos pés e com a testa no chão. Era como uma lufada e ia, nunca completamente convidado, nunca entre nós. Todos me olhavam de soslaio, achando que eu era quase nada para ter sido adotada.

Foi numa noite particularmente quente e sufocada que ele apareceu para mim de repente; eu me sentia derrotada, para lá de perdida e cansada. Veio com um sorriso amplo nos lábios, a pele reluzente de limpeza, a roupa impecável: calças, sapatos lustrosos, bengala, colete e casaca. O quarto escuro parecia iluminado de lua cheia e seus dedos esticados em convite eram

como uma resposta silenciosa de uma pergunta que nunca fui capaz de elaborar.

Segurei o choro da angústia que sentia na ponta da língua, envaidecida demais para me deixar envergonhar em sua presença. Senti ele puxar minha alma ao me segurar pelas mãos, pondo-me em pé, observando meu corpo exausto jazido na cama. A boca abriu para questioná-lo, mas seu olhar calou-me em um segundo. Fechei os olhos temendo a qualquer momento desmaiar, ou pior.

Não o vi abrir seu peito, como se a roupa fosse nada, como se a pele fosse caixa. Apenas o senti me enfiar entre suas costelas, guardadinha entre o pulmão e o fígado. Fechando-se, ele riu, zombeteiro da minha reação esquisita.

— Abra os olhos — eu o ouvi dizer sem palavras, uma voz pronunciada dentro da minha cabeça.

De olhos abertos, observei o mundo através dos seus, os passos vagarosos em ruas escuras de uma cidade que nunca vi. Sentia o perfume da noite fria através de seu nariz, o cheiro da chuva recém caída, os ladrilhos tortos de pedra desgastada. Ia caminhando de parada em parada, colhendo seus frutos, deixando algumas migalhas. Em silêncio eu permaneci em seu tórax, percorrendo os passos de suas rondas, ouvi o eco de sua gargalhada nos meus ouvidos e senti a altivez de sua postura em minha coluna.

Abri meus próprios olhos, cega de sol e lágrimas de gratidão, o coração sem resquício da angústia paralisante. Finalmente, sorri.

O Dono da Capa Vermelha

Antes da memória de seu filho, vem a memória de seu moço, a roupa em vermelho e preto, cercado pela fumaça de um charuto e um cambalear divertido. Ele não vinha comigo, mas no alto de minha infância e adolescência, eu o olhava com brilho nos olhos, em inexplicável e inegável admiração.

Desse moço, restou-me uma vela quebrada, que ainda guardo no fundo do guarda-roupas em uma caixa velha. O presente de uma madrugada de sábado à noite, pouco antes de eu partir para nunca mais o ver, quando ele me disse que estaria na chama quando eu mais precisasse, garantiu que estaria por perto, embora eu só tivesse coragem de chamá-lo duas vezes em meio a minha birra infantil de adolescente descrente, saudosa de casa e embrenhada em uma terra desconhecida.

Ainda tenho o sentimento aquecido das lembranças de uma capa vermelha em meus ombros e um professor no meu caminhar, pois há vinte anos ela veio segurando suas mãos, ouvindo seu chamado e eu ainda aguardo que uma necessidade realmente importante valha a pena seu tempo para que eu possa acender aquela vela e chamá-lo.



O Tambor



De todos os instrumentos musicais que já ouviu na vida, desde o acorde melódico do violino até as distorções estranhas de equipamentos sintéticos, durante os mais de trinta e tantos anos de existência, era o som do tambor que falava com a sua alma.

Não havia memória antes do som do tambor.

Não é que o atabaque lhe tenha dado vida, não, ela já existia alguns anos antes, era só que o tambor era uma memória tão tenra e incrustada que antes dele só havia imagem, sem som.

Começa pelos ouvidos, ao entrar em contato com a vibração acústica, depois, entre aqueles três segundos entre o grito e a tensão do couro esticado, vem vindo uns arrepios que começam nos braços, desce para os dedos, sobe pelos cotovelos, arrepia até o último fio de pelo do corpo. Então, os joelhos, a fraqueza sentida atrás da rótula, dando um puxão nas coxas até encontrar os arrepios nas costas.

Daí, o coração, é uma coisa de antes, das vidas que não se lembra. Dançar, ela não sabe não, tem lá uns passos de memória, na grande maioria todos errados e tortos, mas a voz pouco suave do instrumento parece puxar seu corpo pela alça.

É no toque do atabaque que a ansiedade ameniza, a mente confusa parece entrar nos eixos e o coração encontra o caminho para a casa.

O Quarto



Quando criança, eu tinha medo das sombras do quarto; pareciam muito grandes para meus olhos desconhecedores. Na memória das primeiras estadas, na casa que era de meu pai, minha mãe sempre esteve por perto, ora me ensinando o respeito devido, ora evitando que minhas mãos descuidadas quebrassem algo sem querer. A infância atribulada em um lar de vinte irmãos, com suas roupas claras e saias coloridas, brados altos, pequenos passos e flores desabrochando. Tantos anos, tantos quartos, aquelas duas irmãs deitadas nas esteiras ao meu lado. Memórias que o tempo carregou com o rio.

Enraizada em meu couro já curtido, há um tipo de paz que esse quarto branco oferece, que só se alcança apesar das sombras. Esse lugar me deixa n'alma a marca de uma saudade que nunca se finda e a lembrança de uma casa para a qual nunca se volta para ficar por tempo o suficiente.

Protegido pelo machado de Xangô, há um tipo de conforto no silêncio desse quarto, com suas janelas nunca cortinadas, com o tremeluzir das chamas de suas velas, com o cheiro de folhas frescas que se espalham com cada movimento. Há o frio que não me faz tremer, mas que se infiltra pela esteira de palha. Eu digo que é força de mãe, feito abraço que não pode ser físico, com um quê de familiaridade nostálgica.

Naquela casa que nasci, nas primeiras noites, meu irmão guardou meu sono, sentado ao meu lado, entre histórias e silêncios prolongados, até eu finalmente adormecer para ele ir para seu próprio quarto. Naquele tempo, me acostumei a dormir com o braço esticado, os dedos tímidos tocando as louças de barro ou os fios com suas mil contas, como se me aterrassem em sonhos mais brandos.

Em minha última estada, ao meu lado estava a filha mais nova da cobra, vestida com seu branco poeirento e suas contas vermelhas translúcidas. Ela fazia sons com seus guizos e risadas acolhedoras, preenchendo o vazio com o conhecimento de quem mora em minha casa muito mais do que eu.

Agora, cercada de meu próprio silêncio, em meio as construções acinzentadas, ar limpo e céu radiante de azul e de sol, me pego sentindo falta do frio e do branco, da solidão que, percebo só agora, sempre foi compartilhada entre irmãos.



Idas



Já ouvi muitas histórias de como cada um se vai, e cada um que me conta diz uma coisa diferente.

Para mim, primeiro há uma dispersão momentânea de consciência, um perder um pouco o foco; depois, uma onda de calor, às vezes é no meio do peito, em outras, nas pernas. Eu posso tentar segurar, mas, aos poucos, meu esforço vai desvanecer. A tontura e a fraqueza são opcionais, mas tenho ambas e em mim atinge as pernas, quase sempre, o joelho que treme e dobra.

Meu fim é o arrepio, que parece percorrer da sola do pé e escala pela coluna até eu fechar meus olhos.

Tudo estremece.

Então, já não sou eu.

Ainda resido na casca, mas não controlo mais a mente. Queria apagar completamente, mas não, fica o estranho do resquício de memória de ações que não são minhas.

Mas que a cada minuto em que volto, transpirando os rios de suor, buscando goles de ar como se tivesse corrido uma maratona silenciosamente, eu esqueço, e no passar dos dias, há só uma história na cabeça, e no passar dos anos, só a impressão de coisas... quando muito, quando não, só há a ida.

Vozes Antigas



Eu sinto o arrepio, numa frequência entre o coração e os pelos do braço que é inexplicável e tem calor de casa. A velha senhora, com pele cor de terra de beira de rio e de ossos pontiagudos, fortes e aparentes, começa a cantar, é o tom de uma voz aguda que eu já ouvi milhares de vezes, embora a dela, eu nunca tenha ouvido.

Ela canta uma ciranda, eu ouço uma cantiga. Ela tem uma vibração própria de pretas velhas, a voz frágil, palavras doces e firmes. Ela chama, os outros respondem, e até quem nunca ouviu nada do tipo, se colocar as mãos em conchas e bater, é capaz de acompanhar o ritmo.

A voz sobe e desce e na descida os outros respondem.

Eu posso esperar para arrepiar quando surgir o som de reverberação do tambor, mas não espero. Eu não tinha como saber se haveria, mas eu sei que sim, pois essas músicas sempre trazem um tambor, ou dois, ou três, não importa quantas pessoas cantem, quantos pés batam no chão ou quantas saias rodem. Sempre há um tambor, ou dois, ou três, e eu arrepio de novo, porque é o som de infância, é o calor de casa.

Eu fico quieta em um canto sozinha, entre lágrimas que se avolumam, mas nunca caem, com um sorriso de quem não sabe absolutamente nada, mas reconhece o sobe e desce da voz, as respostas e a vibração de palmas e tambores. Ainda acerto o tempo, uma memória reflexiva, mas não conheço as palavras.

Ela canta uma ciranda. Eu ouço espíritos.

Baianos e baianas em roda, sorrisos fáceis e farofas apimentadas.

Caboclos e caboclas com suas faixas apertadas no peito, ervas em riste e conselhos sábios.

Pretos velhos e pretas velhas envoltos na fumaça do cachimbo, velas acesas presas no dedão do pé, bênçãos doloridas que avermelham a pele.

Marinheiros de sorrisos marotos em piruetas e em lembranças opacas de um único encontro.

Ela sobe com uma ciranda. Na descida, eu respondo saudades.



O Filho de Ogum



Ele nasceu depois, embora viesse sempre primeiro e, tal qual seu pai, indomado pela certeza, era o questionador e o despeitado, carregando os braços da bravura e da estratégia, pisando à frente de todos, tomado por sua curiosidade. Empunhava os braços fortes como uma arma, preparado para a força bruta se necessário, mas, secretamente, também para abraços sufocantemente protetores.

E eu, senhora de minha própria terra, voz de minha própria razão, lhe dei minha benção inconsciente, tornando-o a espada do reino de minha mãe. Porque, naquela cozinha abafada, cheirando a dendê quente, milho e feijão cozido, os sorrisos eram verdadeiros, nós, vestidos de branco, juntos, nascidos do mesmo berço, éramos maiores do que nossas quizilas e demandas. Ele seria para sempre aquele que viria em armadura brilhante, montado em cavalos de guerra barulhentos, para ser o único a ser coroado de louro.

O Sal do Mar



A costumei a vê-la no meio da multidão, não acima, jamais abaixo, sempre no meio. Não era a dona da casa, mas era o braço direito da mãe, embora devesse ter sido sua irmã mais nova, não fosse o pai ter morrido cedo demais, acometido de erro médico. E, se não tivessem lhe sobrado tantos mestres errados, quem sabe não fosse senhora de suas próprias terras? Diziam as más línguas que sua cabeça era muito mais forte, tendo visto a morte natural de todos os incautos que fizeram mal sua vida — isso a tornava meio temida, atrevida, meio evitada, difícil demais, é o que me contaram as sombras.

Todos os eventos passavam por seus olhos, quase todos pelo espaço, nunca vazio, de sua carteira, mas também pela ponta de sua língua. A memória a traz com seus seios grandes, as ancas redondas e as roupas em azul. Não caminhava com rapidez e suas únicas armas eram as palavras, o que a meu ver, muito mais afiadas do que a espada de seu filho, às vezes ácida, às vezes bruta, raras vezes compassiva. Sua voz retumbava o eco de uma tempestade no mar: brava, alta e tensa, carregada de todos os segredos que os sonhos traziam.

A velha era meia bruxa por parte de avó (outra mulher mais esperta do que deveria). As almas sopravam em seus ouvidos as notícias, traziam sussurros de traição, veneno, dívida e vergonha alheia. É sempre espantoso como, em um piscar de olhos, sua voz, às vezes, é empostada em outro tom e o “r” passa a

ser pronunciado de maneira elegante, trazendo um sotaque de além-mar, com conselhos doloridos e verdades terríveis.

Mas seria impreciso eu trazer apenas suas faces autoritárias. Havia muito de amor não traduzido. Era mãe fervorosa, daquelas que arrancaria o sangue do inimigo se preciso fosse, que tiraria de sua própria boca para ver os filhos comendo e que silenciaria a dor dos olhos para não alardear. Filha de sua mãe, desembocava no mar as águas revoltas do rio na casca dura de sua pele ressecada, dando nó em pingo d'água, segurando o peixe na rede desgastada do barco velho.

Ela era aquele tipo de mulher que nunca perdoou, enquanto esperou ansiosa por perdões que não soube se viriam.



O Machado em Descanso



Ele era aquele que carregava coisas ruins para longe, enfiando nos seus carros rebaixados os sacos que exalavam à podridão, sujeira e dor. Só evitava o mato, tal qual o diabo que foge da cruz; contava baixinho que a culpa era de seu irmão, aquele que era filho das matas, que o enquizilou no berço e nunca mais foi o mesmo. Embora, estranhamente, tivesse a melhor mão para fazer crescer as ervas, as árvores, os matinhos e as flores.

Seu peito era estufado, severo, como se tivesse uma armadura por baixo das camisetas brancas, a barba cheia sempre lhe dava um ar redondo ao rosto, olhos duros por trás de óculos de aros grossos e marrons. Fosse alguém mais observador, veria através da fisionomia carrancuda, veria o passo suave, a personalidade calma e a tranquilidade de quem caminha nas costas de uma grande tartaruga, de quem tem o tempo todo do mundo e faz as coisas do seu próprio jeito teimoso e cabeça dura. Mas eu nunca fui observadora, ou paciente demais, para aprender a ver além das aparências.

Hoje sua barba cresce até o peito, toda tingida de branco, a careca reluz com o sol da terra de seu exílio. Em sua casa, as cores destoantes harmonizam com cães e gatos que ele cuida mais do que a si próprio. Seu machado duplo descansa em um canto qualquer, quase esquecido demais para pegar poeira ou ferrugem. E a voz mansa já não ruge como o som do trovão, preferindo o silêncio e sono aos brados de guerra de outrora.

Em minha infância ele foi herói; hoje é humano, como eu.

Corajosos, Nem de Nome



O mais novo sempre foi o mais corajoso, também o mais forte e resistente. Eram seus olhos que viam, seus ouvidos que ouviam, seus pelos que eriçavam no arrepio, a perspicácia de saber quem estava chegando. A mais velha, bem... não. Desde criança temia, não queria nenhum dom espetacular, nem ver, nem ouvir, nem sentir, nem admitir. Seguia meio cagona, meio receosa.

— Mas é justamente por acreditar que eu tenho medo — justificava, sempre emburrada quando perguntada se tinha medo de assombração.

Quando foram recolhidos, foram juntos. Ele no quartinho da entrada, ela no segundo cômodo, separada. O mais novo tinha companhia outra, a mais velha tinha o dever de adormecer sozinha no quarto. Mesmo com chuva torrencial e o frescor do mato ao redor, ele reclamava de calor, do suor; ela do frio das ervas, que, pasmee, gelava mais do que o chão.

Toda noite, regamente, o mais novo ia se sentar aos pés da esteira da mais velha, entre a sonolência e resistência, aguardar ela dormir. Pois, difícil que era, a velha só dormia com as luzes acesas, mesmo que no quarto houvesse uma dúzia de chamas laranjas fortes, bem vivazes.

A esteira dela era visível da esteira dele, mas ela não conseguia dormir com a luz apagada, ele não conseguia descansar com a luz acesa. Então um acordo, pois é assim que acordos funcionam. Ele esperando ela adormecer, ela lutando para não ter insônia.

Às vezes a noite passava na conversa mole, na manutenção de um vínculo fraternal aconchegante. Ele lá, sentado aos pés da esteira, mexendo com as palhas dos xaorôs presos aos pés, e ela deitada, barriga para baixo, cabeça nos braços. Olhos embaçados e bocas de bocejos cansados.

Mas naquela noite... Ah, naquela noite.

Mudaram as esteiras de lugar, a dela indo parar no canto oposto da porta, escondidinha num espaço novo. Ela não veria ele, ele não queria esperar por ela. Naquela noite ele pediu desculpas, sinceras, o sono o abraçando como um cobertor quentinho numa noite meio fria demais até para ele.

E tal como todos os acordos, ela aceitou a luz apagada, ele sorriu vitorioso, deitando-se cedo. E não foram nem bem dez curtos minutos depois, duas batidas de nós na madeira da porta que separava o grande salão e o quintal dos quatinhos de reclusão.

Já passava das dez da noite, a mãe já estava recolhida na casa, os mais velhos já haviam se despedido, partido e rumado para suas próprias casas. A mais velha tencionou igual corda em arco de caçador, reta, muda, ansiosa, cuidadosa.

Ele ainda não pegou no sono, pensou ela quase em pânico, ele vai abrir a porta.

Ela não está conseguindo dormir, não vou me levantar para abrir, o mais novo pensou encolhido tranquilo em seu canto.

Mais duas batidas ecoaram, batidas de nós na madeira da porta... felizmente trancada. Na dúvida, os corajosos fecharam os olhos com força, deixando o educado batido esquecido na noite.

— Eu soube que vocês tiveram visita ontem de noite — disse a mãe pequena, lábios abertos em um sorriso irônico, olhar sabido e postura relaxada.

— Ah sim, mas eu achei que o mais novo iria abrir — disse a mais velha despreziosamente. — Ele tinha acabado de deitar e o quarto dele vem antes do meu.

— Pensei a mesma coisa, ela ainda nem tinha ido dormir —

respondeu o mais novo, astuto. — Ela abrir a porta uma vez, não ia cair a mão.

— E vocês perguntaram quem era? — questionou a mãe pequena rindo-se gostosamente.

— Não — disseram os irmãos em uníssono.

— Pois não perguntem, dizem que quando vocês perguntam eles entram sem que destranque a porta.

— Acho impressionante eles ficarem com medo de baterem na porta — respondeu a terceira que dividia a reclusão — Toda noite os atabaques ressoam no quarto do padrinho e ninguém diz nada.

Os irmãos se fitaram em iguais expressões de olhos arregalados, grandes para a hora da manhã, a mais velha quase se encolheu, o mais novo escondeu a tensão dos ombros com uma risada desdenhosa e suspeita.

O Descendente de Ossain



Na minha mão, um enorme saco de lixo de 50 litros estava repleto de folhas e galhos colhidos pela cidade, já não tão acostumada a ter mata — só mato. Algumas ervas eu reconhecia pelo cheiro, outras no veludo macio de suas folhas. O grito da velha ecoou no corredor, pedindo uma específica. Olhei entre o saco e ele, eu com cara confusa, ele com sorriso maroto.

— Você sabe qual é? — Arrisquei, falando tímida, abrindo o saco e olhando o emaranhado de verde.

Atônita, observei-o enfiar a mão suja de poeira, vasculhar algumas folhas, como se o conhecimento de causa fosse na ponta do dedo e não da visão, que contava com nada de iluminação. Ele puxou uns três galhos diferentes, não cheirou, não olhou de perto, enfiou uma por uma das folhas na boca, mastigando, ruminando, cuspidando na grama.

— É esse — ele falou risonho, puxando as ervas verde-escuras.

E era.

Ossain.

O riacho, pequeno, trazia água só até cobrir meus tornozelos, mas eu, desacostumada, andava apoiada no ar, buscando forçosamente equilíbrio — ali, me segurando na força do cagaço de encontrar uma pedra afiada ou algum animal à espreita na

areia e na lama do fundo do rio. O assobio surgiu alto, fino e preciso, ecoando pelas mais de dezenas de tonalidades de verde, entre folhas, grama, pedras, troncos, musgos, areia, terra, cordas e lama. Ao redor, o silêncio, mas a risada dele preencheu o espaço, a zombaria, a audácia.

— Se você continuar arrastando os pés assim, você não vai andar direito na água.

— Eu não sou você — respondi emburrada —, não cresci no meio do mato.

Em um minuto, ele estava novamente ao meu lado, tendo saltado as pedras, os troncos moles e se apoiando nos cipós retorcidos — muito frágeis, na minha opinião ignorante —, ainda rindo, me ofereceu o braço e o sorriso.

— Anda, minha velha, vamos andar um pouco mais para frente, até aquela pedra para você sentar.

Sentamos, nos limpando com a lama da beira do rio, vendo o tempo escorrer na água turva, morna na pele, observamos o sol beijar o horizonte, dourando de fim de dia as folhas das árvores ao redor. A risada das crianças a gente ouvia de longe, junto com a voz dos esquecidos daqueles confins.

No fim, saudamos os pais, no vazio de uma tarde amena.

Sobre Reis e Rainhas



Eu cresci cercada de cores, tambores e cantigas, em meio a reuniões simples de tecidos brancos, rendas, algodões e cetins, até festas brilhantes, repletas de folhas cheirosas, veludos suaves e lágrimas emocionadas. Mas o que me fazia sorrir, acalentando a infância de forma saudosa, eram as histórias de ninar. Meu sono vinha embalado na voz risonha de minha mãe, contando histórias de Reis e Rainhas, de aventuras e mortes, de uma terra além-mar.

Sua voz trazia a história de amor da Rainha Guerreira com o Rei que a expulsou, aventurando-se entre a caça e a solidão, por ter achado que sua orelha poderia ser o presente que faltava ao seu amor. A história do General que forjava suas armas, comandava seu exército, mas que matou todo seu povo por ter sido ignorado, deixando o solo engolir seu corpo ainda vivo, envolto em culpa e arrependimento. A Rainha que cuspiu fogo, forte como um búfalo, delicada feito uma borboleta, vinha cavalgando os ventos, afastando os mortos e amamentando seus nove filhos sem aceitar ordem de ninguém.

A Senhora da Vida e da Morte tinha um jardim secreto de espíritos, um filho curandeiro e o outro, uma cobra que serpenteava o arco-íris nos céus, de sua lama sagrada ainda surgia a cobra albina, filha independente anunciada pela neblina espessa. Havia o Caçador de uma única flecha, amante e sorrateiro, cujos olhos atentos perdiam-se na beleza perene nas cachoeiras.

Meus sonhos possuíam cores vibrantes e histórias terríveis, daqueles que eu recebia abraços calorosos de quando em quando, daqueles que via em terra, dançando ao som vibrante dos três tambores, que me acolhiam e me permitiam cuidá-los.

Vermelhos e Azuis



Na lógica de sua mente infantil, a mãe, aquela que a pariu, vinha à frente da mulher de cabelo loiro tingido, embora elas nunca permanecessem nessas posições quando a menina ia se sentar com as crianças. É que, para ela, as duas deveriam permanecer assim, próximas. Em uma multidão de vestidos de branco, ela as queria juntas, para observá-las dançar, cantar e sorrir.

Tinha uma certa beleza em ver a mãe curvar um pouco o corpo, sacudir os ombros e uma voz forte e suave ecoar nas paredes pintadas do barracão de teto baixo. *Odojá!* Eles gritavam.

A outra, no entanto, a assustava e despertava sua curiosidade na mesma medida; o corpo parecia entrar em um frenesi, cabelos aos ventos, rodopiando no ar, a face ocultada, o grito que vinha estridente, para se fazer conhecida a presença. *Eparrey!*

Meia-noite



Há essa história na família, o tipo que se conta para dar exemplo moral de aceitação ou só para fechar a noite com uma situação vergonhosa a se evitar. Em mim, em particular, o arrepio de medo é recorrente, mesmo hoje. Contam os envolvidos que naquele dia houve uma limpeza completa, daquelas que arreiam a energia de todo mundo ao redor, e depois se faz necessária uma limpeza, banhos, velas e pelo menos dez dias de sossego e calma para se reestabelecer. Então, como se exige nessas ocasiões, tinha que acabar no cemitério.

Lá, na hora H, a mulher se acovardou. O clima já era denso, talvez pelo som silencioso que percorria as lápides e caminhos vazios, mas ela xingou, do jeito dela, no limiar entre o desrespeito e a ousadia, virou as costas para a entrada e disse que iria esperar no carro. Disse, mas não chegou a dar três passos completos.

Seu moço a tomou, gargalhando no portão de ferro, tremendo o corpo inteiro, terminando em seu passo trôpego e sorriso de lado. Ele todo alegria e deboche, catou no braço o que precisava ser deixado nas terras do cemitério, e num salto digno, pulou o muro, caindo do outro lado com a graça de quem é mais elástico do que o corpo rechonchudo que ocupa. Ouviu-se sua gargalhada, ácida e estridente até as velas acenderem no cruzeiro.

Ali, no meio do terreno, aos pés da cruz de madeira, seu moço foi-se embora, deixando-a atordoada do lado de dentro do muro alto com portões fechados por um cadeado grosso. As pernas tremiam na tensão, no esforço e no medo.

— E como é que ela saiu de lá? — Alguém sempre pergunta.

O fim, que não é nem de perto tão interessante, sempre se segue de um relato embaraçoso de risadas sem graça. A caminhada de volta foi vergonhosa, para dizer o mínimo, as mãos no portão em espera dos companheiros de branco que ficaram para fora. Os risos e piadas vieram acompanhados de um precioso suborno em dinheiro vivo a um funcionário do cemitério. Era o mesmo que abria o cadeado para eles, que fingia não saber o que é que eles iam fazer ali, que ignorava-os despachar aqueles resquícios entre as árvores e construções de tumbas, mas que naquela noite, no meio da madrugada, os observou ir embora, sem entender como alguém tinha tanta coragem.



Sinapis



Era noite quando o rapaz voltava para casa vindo da escola. E não é que ele fosse inocente, mas sua cara era arredondada ainda, o suficiente para ser visto como gente que não tinha crescido ainda. Ele também conhecia os avisos, em teoria. As luzes que piscavam, ou a risada suave no fundo da mente, às vezes era um cheiro ruim de cachaça, outras o cheiro tinha o ácido do enxofre queimado. O principal era sempre a sombra rasteira que surgia no canto do olho, assustando o suficiente para tirar os pés do eixo e fazer o coração disparar na garganta.

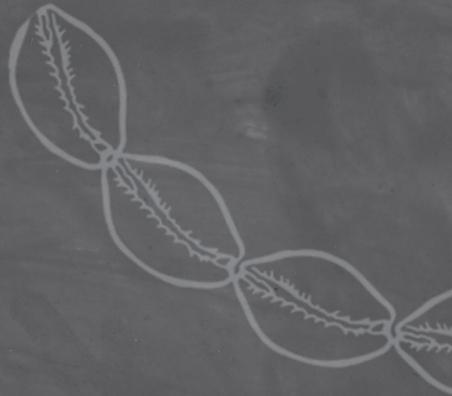
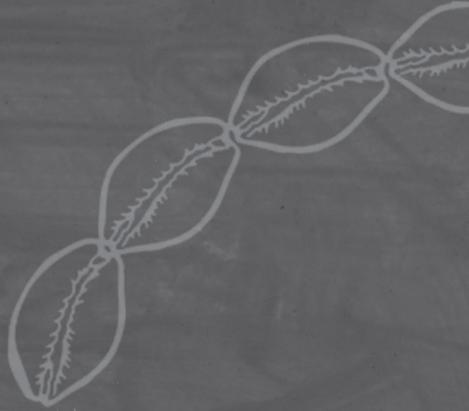
Mas, incerto e cagando de medo, naquela noite, ele entendeu errado. Lá longe, na esquina, tinha um homem agachado no muro sujo, a fisionomia nada visível na intermitência da lâmpada fraca, que ainda por cima piscava a cada vários minutos. Em vez de voltar atrás, procurar uma outra rua ou companhia humana, ele seguiu rápido.

Nem sete minutos depois, uma dupla chinfrim, magricelas e em uma única bicicleta o parou. Foi-se o celular, que nem pago totalmente estava. Por sorte, ou prudência, o pensamento de ira se segurou, sem reação, um tanto incrédulo e sem jeito.

A gargalhada ecoou.

Mas já era tarde para entender o aviso.

in memoriam





Famílias Nunca Dizem Adeus



Cresci em meio a uma família que não era de sangue. Meu apelido veio de um avô que não gerou nenhum dos meus pais.

Meu respeito por autoridade veio de uma mulher nordestina criada em tempestade.

Meu sentimento de pertencimento passa por ensinamentos de vivos e de espíritos.

Antes do meu irmão nascer, eu já tinha muitos irmãos e irmãs. Tinha também mais pais e mães dos que aqueles que me trouxeram ao mundo.

Cresci em meio a bichos, cores, gritos e magia. Cresci com o conhecimento de que nascemos de antepassados que sofreram, aprenderam e agora nos guiam.

Um dia, me disseram que nascemos todos de uma mesma árvore em todas as vidas. E me explicaram que nossas idas e vindas são galhos e ramos de uma mesma raiz.

Assim, famílias não dizem adeus, mas as memórias saudosas ainda vazam em lágrimas.

A Mãe do Santo



Havia uma dualidade mágica e apreensiva sobre a mãe do meu santo.

Ora ela era uma senhora rígida, regradada com seus horários específicos, quase calculados, ora era o mel que vazava em abraços tortos e pequenos tapinhas na cabeça, dizendo para assistir ao seu lado seus programas de televisão no final do dia. Ora comprava os doces preferidos, deixando seus filhos comerem fora de hora, da forma que querem, ora ela gritava irritada, ofendida e indignada, cobrando por uma falta educação que tinha certeza que ela ensinou.

Verdade seja dita, ela realmente ensinava tudo que exigia, desde a forma correta de se portar, até a cabeça baixa na frente de estranhos, o jeito como se faz o feijão e a forma como suas panelas devem brilhar ariadas. A hora certa da feira e também o jeito certo de pedir sua benção. Mas é que seus filhos, às vezes, preferindo a mansidão de seus mimos, pareciam esquecer de abaixar os olhos em alguns momentos, ou então de que ela, mesmo que seus olhos já não fossem mais de águia, percebia todos os arranjos errados.

Havia essa dualidade justa e amorosa sobre a mãe do meu santo.

Ora ela era fogo, em voz grossa do trovão, feições duras e sérias, exigente e ativa. Ora ela era água doce, fria e suave,

que ensinava docemente como se faz benzimento, contando histórias de sua vida como mãe velha que já era bisavó e tinha todo o tempo da noite.

Eu, que já tive algumas mães pela vida, não temi as palavras duras de nenhuma delas tanto quanto temia da mãe do meu santo. Não sofri decepcionar nenhuma das outras como derramei lágrimas quando pareceu que a decepcionei além do limite.

Havia essa dualidade sobre a mãe do santo, que talvez diga mais do que apenas sobre ser mãe minha, mas também ser a mãe daquela que me guia pelas mãos.

Essa mãe que tinha abraço com cheiro de casa, com seu quarto que parece o mais seguro e a comida que parece a mais saborosa. Sua casa que parece o refúgio para o qual já não corro, porque, ao passo que ela exigia que eu fosse sua filha, ela mandava gritando para os quatro ventos que eu fosse do mundo, sem precisar de suas muletas, que eu me mantivesse firme em minhas próprias pernas e que voltasse só para mostrar-lhe vitórias e sucessos.

O Avó de Tica



Ele morava em um sobrado que mais parecia um castelo à beira do mar. Do lado direito, tinha uma porta branca que se abria em uma escada quase infinita, toda fechada em paredes brancas e bem estreita. No topo, haviam tantas conchas quanto o mar, gigantes marinhas belíssimas que meus olhos nunca mais tiveram a oportunidade de admirar. Perdoe-me não mencionar os cheiros, pois casas-castelo assim tem o cheiro peculiar de ervas misturadas, pólvora e pomba, palha e goma de tecido.

Eu recordo de mais de cinco sofás, cores terrosas em tecidos antigos, cortinas esvoaçantes e saias engomadas e armadas, um zumbido imenso de muita gente. Sua casa era mesmo um castelo e cabiam todas as pessoas do mundo. Mas de toda a construção imponente, da multidão, das festas, de toda a responsabilidade, nome e obrigações que eu nunca tive o conhecimento.

Ele era o avô da Tica.

Garotinha miúda e magricela, era a Tica, porque era a menininha, talvez não fosse a mais nova, mas ele dizia que era a menor de suas netas.

Trazem as histórias que numa noite em que não haviam tambores, mas sim a voz grossa do homem que tinha uma casa cheia de filhos, netos e agregados, a voz da garotinha continuou sua cantiga à mãe dos segredos da vida e da morte. Dizem que

ele se encantou com ela, rindo baixo, dizendo que ela talvez fosse filha de Nanã.

Como neta, a menina tinha lá seus privilégios, como por exemplo, beijar a careca do avô logo após lhe pedir a benção e rolar aos seus pés de um lado para o outro, bolando o santo para ele rir. Se o pai da pequena até hoje nega o beijo na careca dizendo que o beijo dela é agourento, é algo que ninguém precisa saber.

Seu avô, esse avô que não gerou nenhum de seus pais, foi o primeiro dentre os avôs e avós da garota que ela nunca pode se despedir. Um dia, já não havia castelo com parede de conchas, não havia mais a benção de um avô de voz grossa e careca reluzente.

Foi só uma vez que eles se reencontraram. O avô veio coberto de panos, surgindo de um vendaval. Tirando seus tecidos caros, ele vestia-se como ela se lembra, calça e camisa de botão brancos. Em sorrisos, a voz dele ecoou enquanto se deitava no chão ao lado da garotinha já há muito adulta.

— Olá Tica, vim te visitar — disse ele, apoiando o corpo nos cotovelos, ainda com sorriso nos lábios. — Como você tem passado?



A Matriarca em Vermelho



O olhar era severo, vindo de uma mulher nordestina acostumada a tempestades e estradas esburacadas. Mãe de todos os tipos de filhos, figura que exalava um quê de inquestionável, poderosa entre seus tecidos e costuras, filha de Oyá. As unhas compridas vermelhas sempre envoltas em um copo de café preto e forte. Ainda mora na memória uma noite de sábado qualquer, eu aos 14 anos, o peito que se encontrava vazio e a mente em branco. O colo parecia ser o lugar certo, ajoelhei-me, abraçando as pernas cobertas pelo vestido de renda vermelha e chorei até secar; a mão no meu cabelo não se mexia, mas a voz era suave, carinhosa: É assim mesmo, Tica.



A Filha dos Raios



Lá longe, onde o sol encontra o horizonte, colorindo de um vermelho vibrante, rasga o céu um raio grosso, arrepiando até a última descendente da lama. Nesse emaranhado se fazem presentes pequenos fios de cabelo dourado, ondulados em ramas pelas nuvens, onde a fumaça de uma árvore de Dama-da-Noite em chamas perfuma o ar ao poente.

Lá, onde um céu colorido de vermelho vibra a energia de raios de fios dourados, ela esfumaça em gargalhada e, temo, até levando embora suas piadas pervertidas, ao som de tambores e pandeiros, pisando firme em um jardim de espadas de São Jorge.

Nosso último encontro foi à beira de uma cachoeira não nomeada, onde eu lavei sua cabeça e cabelos nas águas. Foi lá que me despedi, vendo-a atravessar as águas borbulhantes. Ela sorria, sem remorso, sem temor e sem alegria.



Quem Reluz na Ponta da Flexa

Dele, me lembro, foi um quase tio, que também era um quase pai para mim. Tinha o riso contagiante de um homem que em minhas memórias era tão alto quanto uma criança poderia supor alto. E depois que eu coloquei meus pés na estrada, dele pouco tive notícias até a tristeza do fim.

Não banhei esse quase pai, tio, irmão mais velho, não o vi perambular ao lado daqueles que nos seguram pelas mãos. Talvez fosse porque já havíamos esquecido um do outro, ou porque minha memória é mais doce do que a realidade realmente foi.

Do filho do senhor das matas, que às vezes vinha assobian-do alto o canto dos pássaros, eu ainda guardo uma mensagem enviada em que ele falava sobre meu primeiro namoro. Ele, muito risonhamente protetor, garantiu que se meu coração fosse quebrado, viria amargo e rancoroso para partir o sujeito em dois. Nunca tive coragem de mostrar os pedaços tantas e tantas vezes quebrados, porque ele era mais querido com sorriso nos lábios, trazendo todos os quilos de chocolate nas mãos e o andar calmo.



Dois dedos de prosa



Sobre Identidade e Silêncio



Antes de mais nada, acho que cabe avisar aos leitores que eu sou uma mulher branca, nascida e criada em São Paulo, capital, muito particularmente na Zona Norte, entre a Casa Verde, Limão e Pirituba. Entre dois e quatro anos de idade, eu apresentei uma condição de saúde delicada e, depois de vários médicos e nenhuma solução, meus pais resolveram ir no terreiro que tinha atrás de casa, pois “se não vai fazer bem, mal não faz levar essa menina para benzer”. Daquela primeira visita, nós só paramos de frequentar assiduamente a casa depois de quase quinze anos, quando nos mudamos para Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Ainda que os caminhos percorridos tenham me levado longe, o fato é que eu cresci em uma casa de Candomblé, com uma mãe de santo nordestina, com pais e mães, com irmãs e irmãos e com nossos orixás e guias (que, às vezes, eram mais presentes na minha vida do que a família de sangue).

Pessoas tão diferentes quanto possíveis, mas que trabalhavam como uma grande família. E isso me moldou. Aos meus olhos de criança e adolescente, ter crescido em uma casa de santo foi tudo o que eu poderia pedir, mesmo que eu não tivesse ideia de que, se pudesse pedir, pediria exatamente isso.

Eu cresci ouvindo as histórias de origens dos orixás para adormecer, ao invés de contos de fadas (ainda que *A Bela Adormecida*, *O Rei Leão* e *Aladdin* sejam meus filmes preferidos da

Disney na infância). Eu cresci entendendo que os orixás são nossos antepassados, de onde nossas almas descendem, e sabendo que o Candomblé só existe porque os negros que foram escravizados mantiveram essa memória viva.

Eu fui ensinada a respeitar os mais velhos, a abaixar a cabeça em humildade, pois eles sempre saberiam mais do que eu, pois viveram mais do que eu — na vida e na religião. Aprendi a respeitar hierarquia e aprender observando. Se eu aprendi lendo as anotações da minha mãe de sangue, os segredos que eu ainda não entendo completamente e recebendo um sorriso dela dizendo que eu não poderia falar sobre esses segredos com ninguém, isso também faz parte da minha criação sobre respeitar os preceitos. Pois o segredo é, antes de tudo, parte dessa criação.

Foi aos 14 anos que sofri o primeiro grande baque consciente de preconceito por causa da minha religião. Uma amiga que eu julgava que me conhecia bem o suficiente e há anos, me disse que me temia, tinha medo do que eu poderia fazer usando minha religião *contra* ela. A religião que eu cresci vendo fazer o bem, cuidando de pessoas, de espaços, gritando alto sobre fartura e saúde, era temida. Pode parecer pouco, mas isso refletiu em mais de dez anos de silêncio, escondendo de amigos que eu mesma considerava parte da família, mas eu preferiria responder um simples “sou espírita” para qualquer pessoa que perguntava sobre.

Os poucos amigos que souberam durante meu período de silêncio, só souberam porque haviam flagrado algo sobre minha religião, fosse em um dia em que abri a porta voltando da faculdade e dei de cara com um conhecido na sala fazendo uma consulta com a minha mãe, fosse quando uma amiga veio me visitar de surpresa e minha mãe estava incorporada.

Até hoje, me lembro quando esse conhecido, que depois virou amigo, em uma mesa de bar, em uma noite qualquer, falou que se eu fosse gay, seria provavelmente aquele que seria agredido e

ficaria em silêncio, sem denunciar e sem falar que os machucados vinham de uma agressão — ele mesmo, gay assumido, não usou palavras tão bonitas e suaves para dizer isso. Levou ainda alguns anos e outros amigos ficarem curiosos sobre Umbanda e Candomblé para eu finalmente me abrir sobre.

Depois de crescer em uma casa de candomblé, eu passei minha adolescência e começo da vida adulta vivendo minha religião em silêncio, em casa e moderadamente.

Quando, aos 27 anos, eu fui iniciada no Candomblé devidamente, com todos os rituais sagrados para minha mãe Nanã, pude aprender uma outra série de ensinamentos sobre como as coisas são, a razão delas serem, como as danças ainda trazem mais do que os orixás, mas também trazem sobre os negros em sua forma e significado, como o Candomblé é tão misto, africano e ainda assim, próprio do Brasil.

E eu sei que ainda tenho muito o que aprender, cumprir e respeitar.

Ainda hoje, pequenas compreensões surgem sobre a relação das religiões afro-brasileiras e dos negros, do significado e da importância do resgate da identidade e de entender a religião não só como uma crença espiritual, mas também como um modo de viver. Esses ensinamentos ainda acontecem para mim, e vão para sempre acontecer, não sem esforço e não sem o auxílio do processo de conscientização que eu passo constantemente, apreciando e consumindo a arte, a literatura, as pesquisas e ouvindo as vozes negras falando sobre si.

Foram as grandes aulas sobre o que é Candomblé, sobre suas raízes e sobre sua continuidade, mas também as pequenas vivências nas casas de santo, com as mães e pais, com os rituais e silêncios que aprendi que, para filho de santo, não existe ouro que valha mais do que saúde, não existe sucesso que valha mais do que prosperidade, que não há vitória que valha mais do que humildade.



Sobre o Luto



Era de se esperar que crescer respeitando os mortos, os ancestrais e os espíritos, me preparasse melhor para lidar com a morte. Nem sei se é correto supor que eu, filha de Nanã — portadora dos segredos da vida e da morte, do ciclo da vida — aprenderia melhor. Escrevendo, suponho, talvez eu possa assimilar melhor a morte e o luto, então escrevo, sem uma narrativa em mente, apenas, escrevo.

A verdade é que, crescendo e aprendendo enquanto vivo, a questão do meu luto perpassa o silêncio, o branco e o chão. Sempre há o silêncio, o branco e o chão, meu lugar de aprendizagem, de observação, de preferência e, nesses momentos, de sofrimento. Onde há vida, há morte, é inexorável essa relação. Mas a morte é da carne, o espírito, esse vive além. É assim, vivemos, em carne ou não.

Talvez isso fale sobre como minha tristeza pelas partidas são mais calmas, de choros mansos e silêncios mais longos do que o comum.

Há memória, sempre há. Mas ainda há vida, aquela que, ao contrário dos que partiram, eu invariavelmente *preciso* viver. Nós celebramos nossos antecessores, não sem dor ou tristeza, mas em felicidade, pois eles viveram antes e, por isso também, podemos ser agora.

No Candomblé, louvamos nossos antepassados com danças, com o toque do tambor e mantendo a memória viva dos que vieram antes, é uma espécie de homenagem sempre em cantos e ritos.

Para meu luto, também, há lágrimas tranquilas, páginas em branco e, em muita medida, homenagens. A minha, em particular, é eternizar as palavras no papel, para que, através das minhas palavras, e no registro de meus contos, livros e publicações, a memória viva esteja sempre aberta para olhos novos e para aqueles que também compartilharam dessas lembranças.

Eu deveria ter aprendido quando minha mãe progenitora ficou internada por dois meses em coma, sem ter lido *O Sal do Mar*, minha tristeza e arrependimento, entre muitos, era que talvez ela não poderia ter visto nas páginas que estavam em processo de revisão, a publicação daquilo que escrevi sobre ela.

E a aprendizagem vem pelo desejo ou pela dor.

Minha mãe pode ler o que dediquei a ela, assim como a pessoa a quem representei em *A Matriarca em Vermelho*, leu as linhas dedicadas a ela, e, no entanto, nem menos de 60 dias depois, ela partiu.

No entanto, minha tristeza é que *A Mãe do Santo*, nunca foi lido por aquela a quem dediquei a homenagem. Ainda que tivesse sido escrito enquanto a minha mãe de santo ainda estava viva, por ganância minha de que ela pudesse ler nas páginas de um livro publicado, nunca mostrei o que foi escrito para ela.

Somente meus pais e mães e irmãos e irmãs de santo puderam ler, em um momento em que todos trouxemos em grupo algo de nossa mãe, para confortar e nos unir sobre sua partida.

Falar de luto e de perda é sempre delicado, cada um vive sua dor e sua perda de uma forma e eu vivo o meu em páginas, em silêncio, em branco e com a cabeça no chão, em respeito aos que vieram, me ensinaram.

Mesmo assim, eu espero que ainda se orgulhem de mim, que eu possa lhes dar alegria por vencer, mesmo que pequenas vitórias insignificantes para os outros, mas que possamos nos reencontrar e eu não ter vergonha da vida que escolhi e das decisões que tomei.

A eles eu peço a bênção.



Sobre a autora

Adrianna Alberti

Nascida em São Paulo, capital, em 1987, é filha adotada de Campo Grande, Mato Grosso do Sul desde o começo dos anos 2000. É bacharel em Psicologia (UFMS) e Letras (UEMS), mestre em Letras (UEMS) e atualmente doutoranda pela UFMS.

Poetisa e contista. Professora, pesquisadora de Literatura Fantástica desde 2012, organizadora do projeto *Expressões do Fantástico*, que desde 2022 conta com a participação da escritora Carolina Mancini (SP). Dedicar sua pesquisa ao resgate da escrita de Emília Freitas e do registro e resgate da produção literária fantástica do estado de Mato Grosso do Sul.

Desde 2010 publica seus textos em antologias, somando já mais de quinze projetos entre contos e poesias pelo Brasil. Em 2020, publicou ***O Silêncio na Ponta dos Dedos***, livro de poesias escritas entre os seus 13 e 33 anos de idade, com texto de apresentação de Tânia Souza. Esse projeto foi selecionado pelo Prêmio Leia MS/Lei Aldir Blanc (Governo Federal, Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul), acarretando sua publicação em 2021 em formato *e-book* pela Amazon e, em 2024, ganhará uma versão física na *Coleção V Mulherio das Letras* pela Editora Popular Venas Abiertas.

Em 2021, lançou o livro *As Cores na Ponta da Língua*, na *Coleção III Mulherio das Letras* pela Editora Popular Venas Abiertas, com texto de apresentação de Carolina Mancini. Em 2022, lançou a publicação de sua dissertação de mestrado em livro *Em Busca da Rainha do Ignoto: a mulher e a transgressão do fantástico*, pela Editora Dialética. Em 2023, lançou o segundo livro de poesias, *Outros Silêncios em Vigília*, pela Editora Minimalismos, com texto de apresentação de Eva Vilma.

É atuante pelo Coletivo Mulherio das Letras (Mato Grosso do Sul) e Coletivo Literário Tarja Preta. Atualmente, dedica-se a pesquisa do registro da produção da literatura fantástica de Mato Grosso do Sul, bem como da divulgação da produção artístico cultural de outros escritores e artistas.

The image features a dark grey background with a decorative border of white line-art leaves. The leaves are arranged in two parallel, slightly curved lines, one near the top right and one near the bottom right. Each leaf is simple in design, with a central vein and small serrations along the edges. The text "Equipe de Realização" is written in a white, cursive script in the center of the page.

Equipe de Realização

Sarah Muricy

Responsável pelo texto de apresentação. Sarah Muricy, em sua escrita, prioriza abraçar os processos e momentos, as pessoas e as coisas. Natural de Barreiras - BA e residente em Campo Grande - MS desde 2008. Escreve desde os nove anos, incentivada pela professora Tânia, da pequena escolinha 12 de outubro que ficava no bairro onde cresceu — Vila Rica. Desde o princípio da caminhada, o autoconvite é de honrar a força da ancestralidade — comunitária e consanguínea — e a ciência do lugar de autoquestionamento que ocupa enquanto pessoa não-preta num país racista.

Nascida no Dia da Independência (ainda mitológico para a pátria amada), decide trazer a público a escrita que já exercita com os seus desde sempre — apaixonada por dedicatórias, cartas, bilhetes e poemas. Formada em Direito e docente de língua inglesa por paixão, faz do trocar a sua bandeira e da escrita um estilo de vida.

Fábio Quill

Responsável pela arte de capa. Fábio Quill é paulistano radicado em Campo Grande, autor de histórias em quadrinhos, muralista e arte educador.

Entre suas publicações estão: **Onírica** (2017), **Amálgama** (2019), **A Casa Baís** (2021), **Quebra Torto** (2022), **A Ausente Ordem das Coisas** (2023). Fábio é editor na Avuá Edições e criador do projeto *HQ MURAL* experimentação artística que une o suporte do muralismo com a linguagem das hqs.

É idealizador da coletânea de quadrinhos **Quebra Torto** que publicou autores regionais do MS com apoio do Rumos Itaú Cultural.

Em 2020, 2021 e 2022 foi indicado ao prêmio HQMix, respectivamente por: melhor desenhista - novo talento com **Amálgama**, melhor hq independente com **A Casa Baís** e melhor exposição com **A Casa Baís**. Fábio tem uma produção de pintura e muralismo com diversas exposições e mostras durante toda sua trajetória.

Carolina Mancini

Responsável pela ilustração interna. Carolina Mancini é escritora e ilustradora. Publica em coletâneas desde 2010, época em que iniciou trabalhos de ilustração em livros de literatura fantástica e infantis. Formada em Teatro, foi professora de Arte, e é Mestra em História, Sociedade e Cultura pela PUC-SP. Sua formação fomenta sua atuação artística. Hoje, além de ilustradora, Carolina é tatuadora, e livreira na Poison Books.

Em 2016 publicou *Dias de Chuva*, e, em 2018, *Nibil*, que ficou em 13º lugar entre os 60 melhores livros de terror da década no site Biblioteca do Terror, e ganhou o Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica, como Melhor Narrativa Longa de Horror 2019. Em 2023, *Dias de Chuva* recebeu o Prêmio ABERST Eliana Alves Cruz – Longa séc. XXI, e a autora, o prêmio Grand ABERST. Como ilustradora, recebeu a Medalha Destaque no III Prêmio ABERST pelas artes no livro *O Melhor do Crime* (Luva Editora).

Rafael Sales

Responsável pelo projeto gráfico e diagramação. Rafael Sales é publicitário por formação e designer por consequência. Além de autor, atua no mercado editorial como designer editorial.

Começou sua carreira publicando em antologias de poemas e contos em 2010. Em 2017 concluiu seu primeiro romance de narrativa longa, acrescentando diversos elementos do folclore brasileiro e unindo a anjos e demônios, intitulado ***Silbuetas na Penumbra***.

Vencedor do prêmio Wattys 2017 na categoria Contadores de Histórias com ***Silbuetas na Penumbra: Ritos da Criação***.

1º lugar no prêmio Ecos da Literatura de 2022 na categoria Melhor Livro Digital com ***As Crônicas dos Mestiços*** e 2º lugar, também no prêmio Ecos da Literatura de 2022 na categoria Melhor Profissional da Área - Diagramador.

Lucas Marchetti

Responsável pela revisão e preparação de texto. Lucas Marchetti é um paulista sem radicação nascido no início dos anos 80, ficcionista, tradutor, poeta e pesquisador independente de horror contemporâneo.

É membro da Associação Brasileira de Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror (Aberst). É criador e editor do projeto de resgate de literatura insólita de autoria de mulheres ***Rainbas do Insólito***. Organizou e participou de várias antologias como autor, além de prestar serviços editoriais diversos para autores independentes e editoras.

Seu trabalho dialoga com a arte marginal, a transgressão e o fetichismo na construção de um imaginário insólito que dialogue com o intempestivo.

Editora Caligo

Responsável pela impressão do livro. A Caligo Editora está situada em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. E nasceu no Orkut, em uma comunidade chamada Contos Fantásticos, onde eram feitos desafios de escrita mensais. Até que, em 2012, Bianca Machado decidiu criar a editora e produzir a antologia *!*, em novembro de 2013.

Quando acabou o Orkut, vários autores continuaram escrevendo em desafios para o site *Entrecontos.com*, criado pelo autor Gustavo Araújo, que também publicou um de seus livros pela Caligo.

A Caligo seguiu publicando desde então, a maior parte das publicações do gênero fantástico. Faz parte do catálogo também poesias, ensaios e auto ficção.

Gravadora Linha dos Versos Home Studio Produção

Responsável pela gravação do audiobook. A Gravadora Linha dos Versos foi fundada em 2012, pelo DJ TGB, no bairro do Tiradentes, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Nasceu com a proposta de produção musical de rap na cidade, para abrir espaço para novos artistas gravarem, com qualidade e preço acessível, suas músicas. Incluindo o lançamento de coletânea, em 2014, contando com a participação de músicas produzidas no estúdio. O volume 2 foi lançado em 2015 e o volume 3, em 2016.

A produtora também dedica espaço para outros gêneros musicais como samba, mpb e funk. Também com produção de trilhas sonoras de curtas e longa metragens, espetáculos teatrais e gravação de audiobook de obras literárias de escritores do estado.

Eva Vilma

Responsável pela narração do audiobook. Eva Vilma, nascida em Campo Grande, é educadora atuante na Rede Municipal de Ensino. Pedagoga formada pela UFMS, especialista em Diversidade e Educação Especial, mãe, escritora, capoeirista, feminista e ativista literária pelos coletivos Mulherio das Letras e Tarja Preta de Literatura Independente.

É curadora do Selo Avuá de literatura infantil na Avá Editora. Autora dos livros para infância *Ela é...*, finalista do Prêmio Mozart (2020) e *O Fantástico Relógio da Rute*, aprovado pelo Fundo de Investimentos Culturais FIC/MS (2022), e dos livros de poesia *INCômoda* (2018) e *Incandescente* (2020), e coautora do livro *Onde Está* (2013).

Tem participação em variadas coletâneas e publica também em suas redes sociais através da página Arranjos Para Voos Poéticos, no Facebook e em sua página pessoal no Instagram.

